

Revelações da história: do acervo fotográfico à sala de aula, interações entre pesquisa e produção cultural

Resumo (6 linhas)

Objetiva-se debater possibilidades de integração de novas tecnologias, linguagens e metodologias no ensino de história, e áreas de afinidade, refletindo sobre o uso de fotografias e audiovisuais em salas de aula e a incorporação de temáticas da memória social nos conteúdos escolares. Para tanto, apresenta-se duas experiências desenvolvidas com acervos fotográficos do interior Paraná (contendo registros de 1950 a 2000), refletindo metodologicamente sobre as interações entre ações culturais (desenvolvimento de atividades e produtos culturais) e pesquisas sobre cultura.

Palavras-chave

Fotografia; Educação patrimonial; Audiovisual; Produção cultural; Ensino histórico

Estudo fotografias e trabalho com imagens há doze anos. Inicialmente, como aprendiz da fascinante técnica de registro do momento presente em sais de prata sensíveis à luz. Depois como pesquisadora da história, pensando nos modos como o passado se fez inscrito, pela grafia da luz, nas imagens fotográficas. Continuamente, meu trabalho mescla produção fotográfica, salvaguarda de acervos fotográficos históricos e pesquisas que utilizam tais imagens como ferramentas de inserção em campo e como instrumentos de estímulo à memória na realização de entrevistas, para registros de história oral. Trata-se de um percurso em que as imagens aparecem também como importante veículo para a circulação de resultados das ações culturais e dos dados de pesquisa, e são apresentadas através de exposições permanentes ou itinerantes, livros, publicações científicas e documentários audiovisuais.

Pretendo aqui, partir de minhas experiências como pesquisadora e produtora cultural para refletir sobre possibilidades de interação entre as novas tecnologias, linguagens e metodologias do ensino de história, considerando usos de fotografias e audiovisuais. Por ser a história minha área de formação e atuação acadêmica, situa-se aí meu ponto de partida, contudo não restringe os diversos pontos possíveis de chegada, pois intuo que a presente abordagem pode inspirar trabalhos em variadas áreas do conhecimento, já que a abordagem cultural perpassa toda a sociedade, e a relação com o tempo pode ser considerada como uma das dimensões da cultura. Independente de

enquadramentos ou divisões disciplinares, a relação cultural com as temporalidades agrega importantes elementos do espaço social, geográfico e do tempo histórico. Especialmente se considerarmos o que François Hartog (2006) nomeia como regimes de historicidade, as variadas formas dos seres humanos e dos grupos sociais se relacionarem com o tempo, perceberem a época e o espaço em que estão inseridos.

A questão se aproxima da reflexão sobre a história viva, a que se dedica Jörn Rüsen (2007), contemplando que o importante para o ensino de história seja despertar nos estudantes a percepção de sentido histórico, ou o que ele nomeia como “consciência histórica crítico-genética”. Trata-se da percepção sobre os processos históricos e o estímulo para que os estudantes desenvolvam aptidões para observar criticamente como se constrói o conhecimento histórico. Um caminho, segundo o autor, para transformar a escola de modo a abarcar as transformações do mundo contemporâneo

Como contribuição ao produtivo diálogo entre os autores mencionados, considero a relevância da incorporação de temáticas da memória social nos conteúdos escolares. Objetivo aqui, portanto, apresentar e debater possibilidades de trabalho em torno das ferramentas da fotografia e do vídeo-documentário para o ensino histórico, a partir da análise de dois casos empíricos que utilizaram tais ferramentas inseridas no ambiente escolar e dos quais participei ativamente.

Os casos analisados partem de acervos fotográficos que abrigam registros da mesma época e lugar (região Norte do Paraná, décadas de 1950 a 2000). No entanto, apresentam narrativas visuais em certa medida contrastantes, no que se refere aos modos de vida e representação imagética nas dinâmicas entre ambiente rural e urbano. O campo aparece extensivamente retratado pelo fotógrafo Armínio Kaiser, agrônomo do Instituto Brasileiro do Café que percorre as fazendas do interior paranaense e entorno de Londrina. Cidade que ergue, com o dinheiro da cafeicultura, edifícios modernistas registrados por Yutaka Yasunaka, para composição dos cartões postais vendidos no Foto Estrela.

Apresentarei brevemente a atuação nesses acervos, refletindo sobre sua importância metodológica para as interações, que considero muito saudáveis, entre as ações culturais (o desenvolvimento de atividades e produtos culturais) e as pesquisas sobre cultura.

A primeira incursão sobre tais acervos se deu através da realização de dois projetos culturais¹, que seguiam a mesma metodologia, dedicada à higienização, organização e digitalização para salvaguarda dos originais. Acompanhada por ações de difusão das imagens através de publicações em livros e websites. O foco, naquela etapa foi principalmente garantir a salvaguarda dos acervos, favorecer a pesquisa durante a organização dos mesmos e, principalmente, investir

¹ Revelações da História: o acervo do Foto Estrela, realizado em 2005/2006 e Revelações da História: Armínio Kaiser, realizado em 2007/2008. Ambos através do Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina/PR. Resultando nas publicações: Revelações da história: o acervo do Foto Estrela (2006) e Ao sabor do café (2008).

esforços e recursos na difusão, e ampliação do acesso público àquelas importantes imagens históricas. Uma estratégia adotada foi a doação de metade dos exemplares dos livros gerados destinada para escolas públicas municipais e estaduais de Londrina, bibliotecas e associações culturais de todo o Brasil. As ações de circulação, exposições e publicação das imagens mais significativas na internet contribuíram decisivamente para que as fotografias passassem a circular com vivacidade no meio social. Observemos as imagens e uma breve narrativa sobre os acervos:

A cafeicultura no interior do Paraná, sob o olhar de Armínio Kaiser



Fotografias de Armínio Kaiser, Paraná, década de 1950. Acervo: Ao sabor do café, 2008.

Armínio Kaiser nasceu em 1925, na cidade de Salvador, Bahia. Ali o avô, Manoel Gonsalvez da Silva, atuava como fotógrafo. Em 1953, recém-formado engenheiro agrônomo, Armínio ingressou no Instituto Brasileiro do Café – IBC, no estado de São Paulo, onde trabalhou até se aposentar, em 1989. Foi transferido para o Paraná em 1957, onde coordenou programas de controle da erosão na região de Paranaíba. Percorreu inúmeras propriedades, prestando assessoria

técnica aos cafeicultores. Sempre carregava consigo suas câmeras fotográficas, mais por gosto pessoal que em função de sua profissão. Paralelamente ao trabalho técnico, Kaiser registrou diversas etapas do trabalho e o drama cotidiano de homens e mulheres que trilharam suas vidas nos caminhos do café. E expressou, através da fotografia, sua leitura das mudanças sociais que viveu.

Galáxias de imagens reveladas em um foto estúdio, o acervo do Foto Estrela



Fotografia de Carlos Stenders, Londrina(PR), década de 1940/50. Acervo: Foto Estrela, 2006.

O Foto Estrela, fundado por volta de 1938 pelo alemão Carlos Stenders, foi um dos primeiros fotos estabelecidos na cidade de Londrina, adquirido em 1952 por Yutaka Yasunaka, recém-chegado do Japão, que o manteve em atividade até o momento em que a procura por serviços fotográficos em preto e branco decaíram a ponto de tornar insustentável o negócio. O histórico prédio do estúdio e laboratório foi vendido, e demolido em 2008 para dar lugar a um estacionamento. Desde 2005, o imenso acervo fotográfico reunido nos cerca de 70 anos de atividade

tem sido trabalhado visando sua salvaguarda e circulação². De um conjunto de aproximadamente cinco mil negativos, contendo milhares originais de fotos 3x4, retratos do estúdio (casamentos, formaturas, debutantes e familiares), mil e cem negativos referiam-se a vistas de Londrina produzidas no objetivo de compor álbuns e cartões com fotos legendadas para venda no Foto Estrela. Tais imagens foram objeto da ação do projeto cultural, a grande maioria retrata a região central da cidade e algumas poucas se reportam ao trabalho na cafeicultura e paisagens rurais.

Dos acervos para as escolas, outras revelações

Garantida a primeira etapa de salvaguarda e publicação das imagens, a continuidade das ações sobre os acervos fotográficos em questão dedicou atenção à pesquisa histórica, visual e acadêmica³, e pode se dedicar às interações com as escolas em atividades de educação patrimonial. Retomarei breve trecho da reflexão citada sobre a produção audiovisual do documentário *Grãos de ouro em saís de prata: memórias do café*, que investigou narrativas sobre a cafeicultura no passado e no presente, envolvendo estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em distritos rurais de Londrina, buscando dar voz à dinâmica entre as imagens do passado registradas por Armínio Kaiser e as experiências presentes dos depoentes que trabalharam e ainda trabalham na cafeicultura. Pois considero que a experiência relatada caracteriza importante contribuição metodológica a respeito da realização de ações culturais em escolas, e das interações entre pesquisa, produção audiovisual e difusão. As novas tecnologias abrem diversas possibilidades para o ensino de história, permitem tecer a reflexão sobre conceitos-chave que envolvem a realização de documentários e seu uso cotidiano e pedagógico.

O contato com as comunidades se deu através das escolas públicas locais, diretamente com as professoras do curso de Alfabetização/EJA. A parceria foi fundamental como espaço de inserção nas comunidades e como pesquisa do público-alvo potencial, porque entre os estudantes da EJA, existe alto índice de pessoas com idade superior a 50 anos, que não tiveram oportunidade de estudo

² Importante mencionar a fundamental parceria do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina, que recebeu e alocou a parcela dos originais que ainda se encontravam carentes por ações de salvaguarda.

³ Destaco algumas, dentre as várias produções acadêmicas que relatam pesquisas sobre os acervos em questão: Artigos de importantes pesquisadores como Ana Maria Mauad, Rogério Ivano, Solange Batigliana e Vanda de Moraes, Ana Luiza Martins, Vitor Carvalho e Paulo Cesar Garcez Marins, desenvolvidos a partir de olhares sobre os acervos, publicados nos livros *Revelações da História: o acervo do Foto Estrela* (2ª ed., 2012) e *Ao aroma do café* (2013, *prelo*). CHOMA, Daniel. *Café passado agora: narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser*, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Mestrado em História, Florianópolis: UDESC, 2010. VIEIRA, Edson L. S. *Sobre a luz da escuridão: memória e sentidos presentes em acervos visuais anônimos*. Mestrado em Comunicação Visual, Londrina: UEL, 2010. COSTA, Tati e CHOMA, Daniel *Produção audiovisual e história oral – Notas sobre a cafeicultura nas imagens de Armínio Kaiser*. *Revista História Oral* v. 15, n. 1 (2012).

na infância, e buscávamos dialogar com pessoas que viveram sua juventude por volta das décadas de 1950 e 1960, período em que o fotógrafo Armínio Kaiser realizou seus registros nas lavouras de café. As fotografias mais expressivas foram selecionadas para servirem como fonte e ferramenta durante as entrevistas. O resultado foi finalizado em um documentário de 52 minutos de duração (*Grãos de ouro em saís de prata*). Ainda, em consideração às dinâmicas dos variados circuitos de difusão, inclusive levando em conta seu potencial uso em salas de aula, foi trabalhada uma reedição para o formato 10 minutos (*Café passado agora*). Para veiculação, foi organizado um livro/DVD, cuja parte textual incorpora trechos das entrevistas transcritas, combinadas com algumas notas registradas por Armínio Kaiser na época de produção das fotografias.

A produção audiovisual proporcionou à cidade de Londrina um relevante registro das relações tecidas entre o trabalho e o cotidiano. Para além do universo local, também transpõe fronteiras na medida em que representa um registro a respeito da trajetória histórica da cafeicultura na região. Com os materiais finalizados, retornamos às comunidades – escolas locais e grupos de convivência de idosos – para exibir os documentários, uma forma de *feedback* e difusão dos resultados da pesquisa, além da entrega de exemplares do livro/DVD para os entrevistados. O reencontro é, sem dúvida, o momento mais gratificante, quando os entrevistados se veem na projeção, seus netos e vizinhos os reconhecem, novas memórias são reveladas e comentadas durante a exibição, que se transforma num evento social, um evento histórico para aquela comunidade.

Transcorridos mais de quatro anos desde o lançamento, seguimos coletando retornos que nos motivam a considerar a importância educativa dos produtos audiovisuais. O curta *Café passado agora* já foi exibido na TV SESC e no Canal Futura. A TV Escola, mantida pelo Ministério da Educação, selecionou o documentário de 52 minutos para sua grade de exibições, elaborou uma proposta de abordagem pedagógica desse audiovisual para as séries finais do ensino fundamental, associado ao currículo de História e a temáticas afins de Geografia e Diversidade Cultural. Com duração de oito aulas, a atividade aproveita a exibição do vídeo para a exploração dos temas da economia cafeeira, assim como as interfaces entre memória e história e a valorização de temáticas de história regional.

Aspecto metodologicamente importante da experiência narrada: refletir sobre o potencial representado pelas produções audiovisuais independentes, principalmente documentárias, acessíveis em canais alternativos de difusão, como televisões educativas, *youtube*, ou outros portais da internet, como novas possibilidades de trabalho com o audiovisual no ensino de história (e outras áreas) que vão além das ficções com temáticas históricas, de estrutura narrativa melodramática e romanceada.

Neste sentido, o quadro referencial teórico-metodológico ganha mais um matiz quando recorremos às reflexões sobre história visual, propostas por Ulpiano T. B. Meneses (2003). O autor

destaca a importância de perceber e considerar as dimensões da visualidade integrada à vida social. O que se destaca, a essa altura do debate, é justamente a questão de que a pesquisa histórica possa contemplar os circuitos dos produtos visuais como percursos da pesquisa e da difusão do conhecimento histórico. E, portanto, incorporá-los aos espaços de ensino.

Pela acessibilidade de ferramentas tecnológicas como a informática/internet, fotografia, vídeo digital, por exemplo, cada vez mais os sujeitos ocupam a posição de produtores, não apenas receptores, dos conteúdos de comunicação. Para o ensino, o uso de tais recursos em sala de aula é produtivo como forma de abordagem conjunta ao texto escrito, de modo a trabalhar outros meios sensoriais de cognição. Professores de história e de quaisquer áreas podem, portanto, incorporar a lida com tais ferramentas como um potencial a ser explorado na prática docente, considerando as tecnologias cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes.

Outra grande importância são os estímulos sensíveis potencializados pelas imagens e sons. O debate em torno destes recursos busca dialogar com a proposta de educação sensível, defendida por João-Francisco Duarte Jr (2006), na linha de Rubem Alves (2011). Mais do que um ambiente que privilegia o conhecimento intelectual, todo espaço de ensino e aprendizagem deve oportunizar espaços de sensibilização. Cabe situar, mesmo que rapidamente, dentre as inúmeras possibilidades de abordagem para as imagens, que existe algo específico em relação à fotografia e ao vídeo, dada a natureza técnica de seu momento gerador. Por serem imagens geradas através de uma câmera, tais imagens carregam especificidades de caráter indiciário que interferem na relação que o espectador estabelece com elas. E é precisamente nesse ponto da relação sensível que se estabelece entre observadores e imagens, que situo a dimensão de “olhar” com a qual dialogo. Trata-se de considerar as múltiplas e infinitas formas pelas quais um observador constrói sentidos para a imagem que vê, evocando, para isso, muito de suas experiências acumuladas. Como autores atentos a tal dimensão, destaco a última obra de Roland Barthes, *A Câmara Clara* (1984), em que está presente a idéia da fotografia como objeto de três práticas: a do fotógrafo, a do retratado e a do observador, sendo que o ato de olhar uma imagem evoca referências de todo um aparato cultural acionado pelo observador, de acordo com seu circuito cultural, além de todo o aparato sensível que toca (e muitas vezes fere) sua experiência íntima. Outro autor importante é Etienne Samain (2012), que reúne estudos em antropologia visual e história da arte, e desenvolve a idéia da imagem portadora e geradora de pensamentos.

Contando com as considerações sensíveis sobre as imagens, continuo a reflexão na trilha dos usos da fotografia como um objeto gerador para o ensino de história e para a construção da cultura e consciência histórica. O saber histórico relacionado com identificações e processos de agenciamento da memória coletiva. Desse modo, encaminharei a exposição para as ações culturais

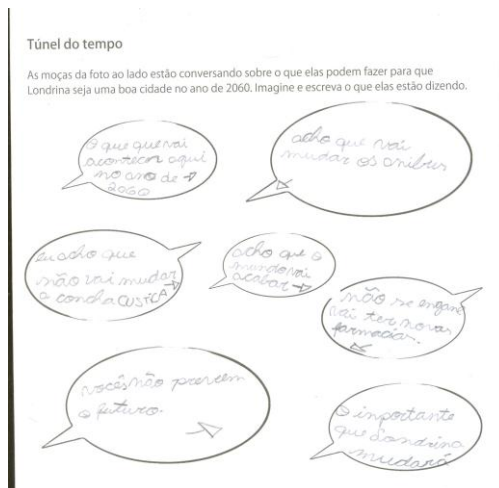
desenvolvidas em três escolas públicas de Londrina, envolvendo cerca de cem estudantes em atividades de educação patrimonial a partir do acervo do Foto Estrela.

As atividades foram desenvolvidas na preparação da segunda edição do livro, que contemplou uma pesquisa de referencialização histórica e geográfica das imagens e também o registro fotográfico presente de dez lugares de memória e sociabilidade do centro da cidade, que tiveram destaque entre as imagens de Yutaka Yasunaka. Os locais foram fotografados com a mesma câmera e lente utilizadas pelo fotógrafo décadas atrás, buscando-se também o ângulo, enquadramento e tipo de filme (preto e branco, ISO 100). A partir das imagens antigas e recentes, foi desenvolvida uma cartilha foto-didática, cuja atividade em sala de aula era acompanhada por monóculos que geraram uma produtiva e lúdica interação das crianças com as fotografias. A partir do uso da imagem em suas diferentes formas, o patrimônio histórico local adentrou salas de aula, permitindo às crianças vivenciarem o conhecimento também em sua esfera sensível, para além da inteligível. O monóculo ocupa as mãos, provoca um mergulho visual, traz aos ouvidos histórias imaginárias, dá sabor ao saber.



Fotografia de Daniel Choma, Londrina (PR), 2011. Acervo: Foto Estrela: outras revelações.2012.

Para provocar sentidos históricos nos estudantes, a cartilha trazia um “Exercício do futuro”, instigando as crianças a pensarem como estará Londrina em 2060, e a completarem o diálogo imaginário entre os personagens da fotografia de 1950. Uma estudante da 3ª série assim preencheu:



- O que vai acontecer no ano de 2060?
- Acho que vai mudar os ônibus.
- Acho que não vai mudar a Concha Acústica.
- Acho que o mundo vai acabar.
- Não se engane, vai ter novas farmácias.
- Vocês não preveem o futuro.
- O importante que Londrina mudará.

Material de arquivo do projeto cultural Foto Estrela: outras revelações.

Considera-se que a educação patrimonial a partir de fotografias é um caminho para unir diferenças geracionais, por exemplo, o espaço da diferença entre a geração da professora ou professor, muito ligada com a palavra e o texto impresso, e a geração de estudantes, da imagem digital. Há de se destacar ainda que o uso de imagens próximas da realidade dos estudantes, apresenta-se como essencial para gerar processos de identificação e consequente motivação e interesse. Vale retomar o depoimento que nos foi enviado por e-mail por Lucélia Rodrigues de Oliveira, professora de história da 5ª série, da Escola Willie Davids, na Vila Casoni, que cedeu a sua aula para receber uma das três oficinas ministradas.

Nesse momento os alunos estão trabalhando com ‘As Civilizações do Ocidente’, mais especificamente ‘Grécia antiga’. Com relação à atividade que vocês desenvolveram em sala eu realmente só tenho elogios! Penso que é justamente esse tipo de atividade que possibilita ao aluno compreender o real sentido da disciplina de história, uma vez que esse modelo de atividade o qual vocês propuseram traz a história para o cotidiano do aluno, com o qual ele se identifica e principalmente se interessa. Ou seja, são temáticas como essa que possibilitam ao mesmo se ver como personagem da história e, é claro, ameniza o efeito - pelo menos em minha opinião - devastador de que ‘a história trata daquilo que é velho’, ‘daquilo que pertence somente ao passado e que não volta mais’. É claro que o professor estando em sala de aula tem, evidentemente, que tratar daquela história própria dos livros didáticos, com toda a sua carga de ‘oficialidade’ - e por isso mesmo tão distante do aluno e de sua realidade.

Nestes termos, uma atividade como esta proposta por vocês faz um efeito totalmente contrário e nos possibilita demonstrar ao aluno ‘que a história também está no presente’, e que ela não diz respeito somente ‘aos outros’. Acredito que, no momento, não seria possível casar a temática abordada em sala com a atividade que vocês propuseram, mas ela surge mesmo assim como uma atividade extra e que acaba surtindo mais efeito em termos de aprendizado e aproveitamento de conteúdo do que aquela especificada no programa de curso. Por fim, eu é que agradeço a vocês e me coloco a disposição. Sendo assim, quando vocês formularem outra atividade é só me comunicar e eu cedo um espaço no tempo da aula para que vocês possam colocá-la em prática. É isso, um abraço a todos. Lucélia.

(Material de arquivo do projeto Foto Estrela: outras revelações)

O depoimento atua como uma síntese geradora e provocadora das ideias que procurei desenvolver no presente texto. Sua leitura afina-se à linha de pesquisas narrada pela experiência de Maria Auxiliadora Schimdt e Tania Garcia (2005), dedicadas a experimentar novas práticas em aulas de história, combinando no contexto brasileiro as propostas de Jörn Rüssen com outros autores e valorizando o trabalho com documentos em sala de aula. Elas pontuam:

Ao se depararem com conteúdos que evidenciam formas tradicionais ou exemplares de construção de narrativas da história, apreendidas sob a forma de diferentes produções históricas, os alunos e professores se apropriam deles de maneira qualitativamente nova, recriando-os a partir de suas próprias experiências. Isso ocorre quando se confrontam os documentos encontrados nos arquivos familiares com outros documentos e com as narrativas históricas já produzidas. Esta nova apropriação e recriação da história evidencia a possibilidade que o ensino de história tem de formar a consciência histórica crítica genética: *crítica* porque os alunos e professores puderam comparar situações relacionadas a determinados acontecimentos históricos a partir de referências temporais individuais e coletivas (1992); *genética* porque eles se apropriaram das informações recriando-as na dimensão das diferenças, das mudanças e das permanências. (SCHIMIDT, GARCIA, 2005, p.303).

Ora, se é latente a percepção de que a importância da história está em potencializar que as pessoas se percebam como sujeitos históricos, produções culturais locais, pensadas em seus próprios circuitos, são válidas como expressão de experiências históricas, por oferecer diversidade de referenciais. A ideia de *saber histórico* considera que perceber o tempo e o transcorrer da história, considerando a sociedade e a cultura, importa mais que acumular conteúdos já formatados e consolidados. Ou seja, o ensino deve estar mais voltado a questionar os conteúdos do que aceitá-los!

Neste sentido, minha opção em trazer esses dois relatos de experiências locais está ligada com a intenção de veicular a documentação de uma história do interior do Brasil, em grande medida silenciada. Tanto as imagens da cafeeira no interior do Paraná, registradas por Armínio Kaiser, quanto as próprias visualidades da cidade de Londrina, com uma arquitetura de vanguarda em plena década de 1950 – sustentada, justamente, pelo contraste com a precariedade da cultura material do interior paranaense, cujas pessoas e braços de trabalho sustentavam o luxo com o dinheiro gerado pelo café –, servem como pontos de vista para discutir possibilidades de inserção dos recursos documentais no ensino.

Segundo Isabel Barca (2004), os conceitos de educação histórica e cognição histórica valorizam a percepção de que para uma mesma questão histórica existem várias respostas e dialéticas ao longo dos tempos. Vale oportunizar o desenvolvimento do senso crítico e prático entre os estudantes e a percepção de que a própria construção dos conteúdos e conceitos históricos se faz historicamente. Em sua proposta de aulas como oficinas, o espaço da sala de aula se transforma

num lugar de experimentação para a construção do conhecimento onde o professor é mais um elemento, dentre as diversas matrizes que um estudante irá acionar para construir seu saber histórico. Quando dialogamos com tais propostas, percebemos o quanto a cultura e os produtos culturais são importantes no ambiente escolar e fora dele.

Da pesquisa e da produção cultural, considerações finais.

Das duas experiências observadas ao longo do artigo, destaco, para as considerações finais, o percurso comum a ambos, que vale como contribuição metodológica para as interações entre pesquisas e ações culturais. Refiro-me às etapas de desenvolvimento dos projetos culturais e as estratégias encontradas para a circulação dos conteúdos.

O primeiro momento, extenso e cuidadoso, dedicado à pesquisa, requer um empenho quantitativo, de percorrer atentamente a íntegra do arquivo e qualitativo, de procurar observá-lo com profundidade de atenção. A etapa seguinte, de desenvolvimento de produtos culturais, carrega uma dimensão a mais: o público. Daí se desdobram diferenças de abordagens necessárias entre uma circulação em ambiente acadêmico e científico, onde o público tende a ser cada vez mais especializado e afinado com uma determinada área do conhecimento, ou, por outro lado, a ideia de uma circulação para o público em geral. Observando as experiências vivenciadas, vale destacar que a opção metodológica foi privilegiar a difusão dos documentos, ou seja, permitir que o máximo número de imagens fossem vistas, e circulassem pelos veículos de publicação gráfica, ou em meios digitais. Com tal opção, deixamos os exercícios de interpretação dos conteúdos para outros ambientes e produções, tal foi o caso das publicações acadêmicas, onde acionamos recortes aprofundados e qualitativos.

Outro importante aspecto metodológico da produção cultural situa-se no recurso às redes de parcerias, contemplando diversificada gama de instituições, que vão desde grupos comunitários, especialmente aqueles onde se reúnem pessoas idosas, até arquivos públicos, bibliotecas e instituições de ensino. Quanto maior a diversificação de sujeitos com quem se conversa sobre as imagens fotográficas, maiores são as possibilidades de informações, percepções e sensibilidades para compor o mosaico de dados de pesquisa. Quando se conversa, por exemplo, com as pessoas idosas (isso pode ocorrer até mesmo dentro do ambiente escolar, através da educação de jovens e adultos, ou através de iniciativas extensionistas, quando se convida os familiares dos estudantes para participarem de atividades de interação geracional) observa-se como o patrimônio imaterial se expressa, ou pode ser percebido nas imagens, e nas narrativas que se desdobram a partir delas.

Na etapa de circulação cultural, um aspecto importante é o acionamento, novamente, das parcerias e redes, por aí se trilha o caminho de retorno às comunidades de colaboradores, com a

distribuição para escolas e pensando criativamente sobre as formas de dinamizar tais materiais dentro desses espaços.

Um dos caminhos para se tratar a preservação do patrimônio cultural é abordá-lo a partir de sua inserção social no presente, cuja essência é o movimento, perpétua transformação no espaço-tempo. Seguindo esta trilha, preservar implica, além de estruturar condições técnicas materiais para a salvaguarda do acervo – fundamentais para que as fontes não se degradem no plano físico -, também oferecer condições de acesso público aos materiais recuperados. Acesso que anima as fotografias, que por sua vez reanimam o imaginário social.

Referências

- ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta, 2011.
- BARCA, Isabel. Para uma educação histórica de qualidade. **Actas** das IV jornadas internacionais de educação histórica. Universidade do Minho, 2004.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CHOMA, Daniel. **Café passado agora**: narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Mestrado em História, Florianópolis: UDESC, 2010.
- CHOMA, Daniel. COSTA, Tati. VIEIRA, Edson L. S. **Revelações da história**: o acervo do Foto Estrela. 2ª ed. Londrina: Câmara Clara, 2012.
- COSTA, Tati e CHOMA, Daniel. Produção audiovisual e história oral – Notas sobre a cafeicultura nas imagens de Armínio Kaiser. **Revista História Oral** v. 15, n. 1, 2012.
- DUARTE JR., João-Francisco. **O Sentido dos Sentidos**: A Educação (do) Sensível. 4. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v.22, n.36, jul-dez. 2006 p. 261-273.
- MENESES, Ulpiano T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 11-36.
- RÜSSEN, Jörn. **História Viva**. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007.
- SAMAIN, Etienne G. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora M. S.; GARCIA, Tania M. F. B. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.
- VIEIRA, Edson L. S. **Sobre a luz da escuridão**: memória e sentidos presentes em acervos visuais anônimos. Mestrado em Comunicação Visual, Londrina: UEL, 2010.